

Resenha: Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes

Guilherme Estevam Dantas¹

Fabíola Santini Takayama do Nascimento²

Dados da obra: BIANCHETTI, Lucidio. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. IN: BIANCHETTI, L. & FREIRE, I. M. (orgs). Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania. Campinas-SP: Papyrus, 1998.

Sistematização

Para que possamos entender a imagem que a pessoa deficiente tem hoje devemos nos remeter ao passado, da historicidade das pessoas ditas como deficientes. Então ao pensar sobre o passado desse corpo deficiente devemos problematizar qual o padrão de corpo que cada classe social predominante em sua época precisava. A partir dessa problemática o autor irá destacar quatro teses, sendo elas: 1 – o homem trata o corpo com uma quase irracionalidade, sendo o homem concebido de forma fragmentada. 2 – a irracionalidade se mostra padronizada, o que nos leva a atualidade do mito de procrusto, em que aqueles que não se adequavam ao padrão eram torturados até alcançaram o padrão. 3 – Só entenderemos o homem e sua historicidade quando começarmos a entender como eles atendiam suas necessidades básicas para construir sua existência, o que nos remete a principal diferença entre homens e animais, o homem “possui a capacidade ímpar de preconceber o que vão fazer, isto é, a consciência humana.” (Pag.24). As necessidades humanas é a chave para apreender a história da humanidade, pois, foi o primeiro ato histórico do homem, a produção das ferramentas que permitam a satisfação dessas necessidades é necessariamente o primeiro ato histórico. O homem cria a sua realidade figurando na mente a sua construção antes de transformá-la em realidade e por isso o homem não possui um ambiente específico. 4 – A diferença dessas pessoas só poderá ser entendida se inserida em um aspecto

¹ Acadêmico do 5º Período do Curso de Educação Física

² Professora do Curso de Educação Física da Faculdade Araguaia

histórico. Esta tese será debatida ao longo do texto, demonstrando a perspectiva histórica desses indivíduos ao longo da história da humanidade.

No mundo primitivo a construção histórica de seu através da inter-relação entre os homens e as mulheres, mediados pelo mundo. Na sociedade primitiva a produção e a troca dos produtos foram à base de toda ordem social. Uma das características dessa sociedade era o nomadismo em que os deslocamentos eram constantes e por isso era indispensável que cada um cuide de si, sendo assim, a seleção natural dos mais fortes sobreviverem se encarregava de excluir pessoas com deficiências.

No período escravista tem como início a sociedade grega em que os homens têm a possibilidade de forma sistematizada. Aparecem então, paradigmas dessa sociedade, um dos paradigmas é o espartano com uma eugenia radical, as crianças ao nascerem se apresentassem qualquer diferença do padrão eram jogadas na fonte. Outro paradigma é o ateniense, onde começasse um entendimento da superioridade do teórico sobre o prático onde o ócio é uma necessidade para adquirir virtudes e para realizar atividades políticas. Com esse pensamento de que o campo da ideia é mais importante que o corpo se dá a divisão de a mente ser própria para governar e o corpo cabe a missão de executar tarefas degradadas.

No período feudal o paradigma ateniense é transformado pelo judaísmo-cristão e passa a ser assumido no âmbito da teologia. A diferença passa a ser entendida como sinônimo de pecado. Essa concepção de diferença como sinal de pecado pode ser observada na bíblia com vários exemplos, um deles é quando Jesus cura o paraplégico de Cafarnaum após ter perdoado os seus pecados. Outro entendimento é de que a existência de pessoas com deficiências seria que essas pessoas são instrumentos de Deus para proporcionar a oportunidade de todos fazerem caridade.

No período de produção capitalista fica explícito o poder das classes dominantes, onde os interesses da classe dominante é o interesse de todos. Nesse período o teocentrismo cede espaço para o antropocentrismo, ou seja, a imagem de Deus abre espaço para a imagem do homem. Após a revolução industrial o corpo passa a ser compreendido como uma máquina, e sendo o corpo uma máquina qualquer diferença é compreendida como disfunção da máquina. Com o capitalismo o artesanato perdeu espaço para a manufatura e a produção em série, com isso se impõe o especialismo, em que se exige a eficiência no desempenho do trabalhador.

Com isso dá-se a entender que nos dias atuais o pecado no capitalismo é não ser produtivo.

Logo após o contexto de como a imagem da pessoa deficiente foi construída ao longo do tempo, o autor irá abordar propostas educativas para os indivíduos deficientes. No início a educação era dada para o povo em doses homeopáticas, ou seja, para os pobres, uma pobre educação. Esse pensamento foi impulsionado pela ideia de que ao pobre cabe o trabalho manual, portanto, não pode perder tempo na escola, já os ricos cujo trabalho era mental deveriam ter todo tipo de instrução. Com o tempo foi-se observando que uma mesma educação para classes diferentes não levava aos resultados esperados, portanto, a educação para as pessoas com deficiências também deveria ser dada de forma diferenciada. Destaca-se no trabalho de estudo da educação para essas pessoas J. J. Rousseau, J. H. Pestalozzi, Piaget e Vygotsky. Emergiu com eles a pedagogia da existência, preocupando-se com a especificidade dos indivíduos.

Considerações pessoais

O texto trata dos aspectos históricos pouco valorizados para a consideração das pessoas para a imagem das pessoas deficientes. O texto é recomendado a todos aqueles que não possuem o conhecimento sobre a deficiência, resgatando desde a seleção natural até a disfuncionalidade do corpo deficiente nos dias hodiernos, passando pela dualidade corpo/alma da igreja cristã, vendo a pessoa deficiente como sinal de pecado, o que é o principal preconceito até hoje em relação a pessoa deficiente, fazendo com que seja visto com menosprezo pelos outros.